

Um optimista é aquele que vê uma oportunidade em todas as dificuldades; enquanto um pessimista é aquele que só pode ver dificuldades em qualquer oportunidade.

ANO V — N.º 118
MAIO
1957

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216



O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL EM LOULÉ

Com a Reforma do Ensino Técnico, de 1948/49, criaram-se as Escolas Técnicas Elementares onde os alunos, em 2 anos, e através do desenho, dos trabalhos manuais e das disciplinas de matemática, português e ciências verificam a sua vocação.

Isto é, a orientação profissional do estudante é marcada pelas suas aptidões de mãos, ou pela maior ou menor tendência para a especulação científica.

Com o aperfeiçoamento e insistência deste ensino, que o Governo apoia decididamente, espera obter-se osmuitos milhares de operários que a nossa indústria metalúrgica precisa, para a pôr a funcionar.

Como é do conhecimento geral, o nosso País, que tem uma balança comercial deficitária em cerca de 3 milhões de contos, por ano, resultante da importação dos metais e das máquinas, ferramentas, aparelhos, etc., daqueles metais resultantes, tem possibilidade de transformar aqui os nossos minérios em produtos que valem mais de 1 milhão de contos por ano. Depois da montagem da indústria siderúrgica, de que se trata neste momento, são necessários muitos operários e muitas oficinas, e, por consequência, as regiões onde elas mais depressa se montarem serão as primeiras a ser beneficiadas com o melhoramento do seu nível económico.

Escreveu o sr. Dr. Ulisses Cortés, no Relatório do Plano de Fomento, em 1952, que, «se o rendimento individual médio do cidadão português era, por ano, de cerca de 4 mil escudos, inferior aos dos outros países da Europa (6 mil para o italiano, 13 mil para o holandês, 15 mil para o belga, 20 mil para o inglês, 22 mil para o suíço, etc.), não era porque fossemos em demasia para aproveitar riqueza tão exígua. Porque alguns dos outros povos não

(Continuação na 2.ª página)

Cartas ao Director

Ligaçāo às automotoras

Informamos que a EVA, segundo carta que nos dirigiu acompanhada da cópia do requerimento endereçado à D.G.T.T., pretende estabelecer carreiras de ligação às automotoras do serviço Lisboa-Algarve.

Naqueles documentos, se justifica a contingência de não haver ligação nos primeiros dias por só em 15 a C.P. ter comunicado aquela empresa o horário das novas carreiras.

Faro, 15 de Maio de 1957

Ex.º Sr. Director do Jornal
«A Voz de Loulé» — Loulé

Sómente hoje, a cinco dias da data do início das novas automotoras entre o Algarve e Lisboa, receberemos o horário oficial que nos foi remetido pela C.P..

Por esse motivo sómente hoje requeremos o horário de ligação, conforme cópia do respectivo requerimento, que remetemos para conhecimento de V.Ex., dada a campanha que o jornal «A Voz de Loulé» empreendeu sobre o assunto.

E de lastimar que os responsáveis não nos tenham proporcionado

(Continuação na 4.ª página)

(Continuação na 2.ª página)

A «CASA DO ALGARVE» E O SERVIÇO DE AUTOMOTORAS

A «Casa do Algarve», em Lisboa, no presente momento, vive uma hora bem alta do seu regionalismo, em prol da província que representa.

O estabelecimento do serviço de automotoras — Lisboa —

Srs. Lavradores

que tenham milho e centeio para entrega à F.N.P.T.
Não esqueçam...

O prazo para o seu recebimento nos celeiros deste organismo termina impreterivelmente no dia 30 do corrente mês.

A fim de evitar que a aglomeração das entregas daqueles cereais nos últimos dias do prazo, traga dificuldades aos serviços e incômodos aos produtores, recomendase aos interessados que deverão des de já, solicitar aos respectivos Grémios de Lavoura o recebimento dos mesmos de acordo com as possibilidades.

APONTAMENTO CITADINO

O verão... nas ruas da cidade...

FOI agora, realmente, que o verão algarvio começou a florescer. Impenável como sempre, imponente e colorido, et-lo a passar nas ruas da cidade...

SUBS TI TUIM-SE peças de vestuário: os casacos escuros abafados, as meias grossas, feias, dão lugar às peças ligeiras, alegres, quase nada...

As moças que desabrem agora que já mulheres, miram-se mais vezes ao espelho — e os espelhos sorriem, pelo sorriso

LISBOA - ALGARVE

Algarve — bem pode considerar-se uma vitória para a sua já prestigiante e honrosa história regionalista.

Muito se pelejou, muito se batalhou por este importante melhoramento, mas venceu-se.

Venceu a Razão que assistia ao Algarve; inteira, justa e plena.

Cabe à nossa casa regional uma grande parte da vitória obtida nesta gloriosa jornada que vai ter o seu término no próximo dia 20 com a inauguração deste belo serviço ferroviário, com a chegada a Lisboa da primeira automotora; mas não se esqueça de que a outra parte cabe — sem favor — à Imprensa Algarvia que, tomando conta de um flanco da batalha, fez o combate útil e necessário, isto é, aquele Bom Combate preciso para ajudar na luta em que estava empenhada, a nossa instituição regionalista.

Venceu o Algarve, é quanto basta.

Obedecendo a um conjunto

de boas vontades, de sinceras dedicações aliadas a uma «carolice» tamanha, a sua ação, a Casa do Algarve tem servido inteiramente os interesses da província que dignamente representa na Capital.

(Continuação na 4.ª página)

Problemas de Educação

A POLÍTICA DAS CANTINAS ESCOLARES

«Fundar escolas, criar postos de ensino e de assistência sendo muitíssimo, sendo a base da Companhia antianalfabetica não é tudo. Tem de ser coroada e completada pela Cantina».

As Cantinas Escolares são o complemento da educação infantil.

Para que o analfabetismo seja dura e persistentemente combatido, torna-se necessário, colocar ao lado do professor, a Cantina.

Serenamente, com a objectividade e sentido do real que caracteriza a administração pública dos dois últimos decénios, o analfabetismo, esse «cancro vergonhoso e peçonha, acabará por ser vencido, totalmente, como o foram outros grandes males de muitos anos.

O ataque frontal ao analfabetismo que, em 1952, partiu de um cuidado e sério estudo, a quando o actual Ministro das Corporações, sr. Dr. Veiga de Mace- do, sobrava a pasta do Subsecretariado da Educação Nacional, não resfriou, antes pelo contrário, fomentou no povo, por todos os meios possíveis, um decidido interesse pela instrução, fazendo-lhe sentir a necessidade de, pelo menos, aprender a ler, escrever e contar.

Extigir o «peso morto do analfabetismo», tornou-

das moças, dizem que sim. E elas vão para a rua, e alegam a vida na cidade...

...PORQUE as man- gas começam a subir, e os braços ro- sados, enlavrados, be- lidos, começam a reinar nos olhos dos jovens — e todos são jovens, desde os 15 aos 70 anos...

COMEÇOU o verão no nosso Al- garve... e, nas ruas da cidade, entre a sin- fonia azul-amarela da claridade natural, os sorrisos cruzam-se felizes, e os dias gastam- se apressadamente...

NOS bancos dos jar- dins, repousam os corpos, enquanto os es- píritos vagueiam para lá dos ramos entrela- çados em desenhos caprichosos, dos braços

Luis da Rocha

A decisão de não erigir em Sagres o Monumento ao Infante provocou uma representação do Sindicato dos Arquitectos

Sentindo-se prejudicados pela maneira ilógica como são apreciados os seus trabalhos apresentados em Concursos oficiais, e em especial no do Monumento ao Infante, os Arquitectos Portugueses, por intermédio do respectivo Sindicato Nacional, fizeram agora uma representação ao Ministro da Presidência.

Nesta representação lembram- se já que em 1954, quando da abertura do Concurso, a classe manifestara apreensões a esse respeito, entregando-se até uma exposição nesse sentido ao Ministro das Obras Públicas.

A decisão de não erigir o Monumento em Sagres confirmou essas apreensões «agravando profundamente as reservas dos arquitectos portugueses perante os concursos públicos abertos por organismos oficiais e aumentar o desânimo de uma classe cujos propósitos de bem servir o País nem sempre têm sido convenientemente aproveitados».

Para mais, «o desenvolvimento público das razões que levaram à não execução, em Sagres, do Monumento escolhido pelo juri, tem alimentado boatos e suposições que fomentam entre a classe um clima de inquietação

(Continuação na 2.ª página)

FORAM CONSTRUIDOS mais edifícios escolares

A nossa província não foi esquecida no plano da construção de novos edifícios escolares.

Assim, muitos deles em vários pontos do Algarve, já foram mandados inaugurar e entregar às respectivas Câmaras Municipais.

No concelho de Loulé foram beneficiados com esse importante melhoramento os sítios das Sarnadas e João Andrez, na freguesia de Alte; Vale de Silves (S. Faustino), na freguesia de Boliiqueime, e Goldra, na freguesia de São Clemente, onde, por esse motivo, reina grande contentamento.

E oportuno lembrar [e la-

(Continuação na 2.ª página)

Pensares e dizeres...

Batalhas de Flores

Há tempos, precisamente no

dia de segunda-feira gorda, quando estava a desenvolver-se em Loulé o incomparável espetáculo de alegria e cor, que é a Batalha de Flores, alguém que aos interesses desta terra tem dedicado algum estudo, sugeriu a ideia de se fazer, após as Batalhas, todos os anos, uma crítica construtiva das mesmas, para se apontarem deficiências ou falhas, se sugerirem alvitres ou correcções, sempre necessárias ao aperfeiçoamento e melhoria de tais certames.

A conversa tida numa roda de amigos, em plena Avenida,

Centro de Assistência Social Polivalente de Loulé

A Comissão Municipal de Assistência de Loulé, concedeu o sr. Ministro das Obras Públicas a im-

portância de 20 000\$00, pela verba do Fundo de Desemprego, como reforço de participação na referida obra.

onde se realizava o corso, derivou para outros rumos, mas a ideia que nos pareceu boa e louvável, não esqueceu ao autor destas linhas. Todos são interessados na melhoria, no progresso, nos objectivos das magníficas Batalhas de Flores que de há tantos anos a esta parte, vêm a realizar-se em Loulé para recreio de toda uma província, e até com projeção em grande parte do país, que por elas se interessa

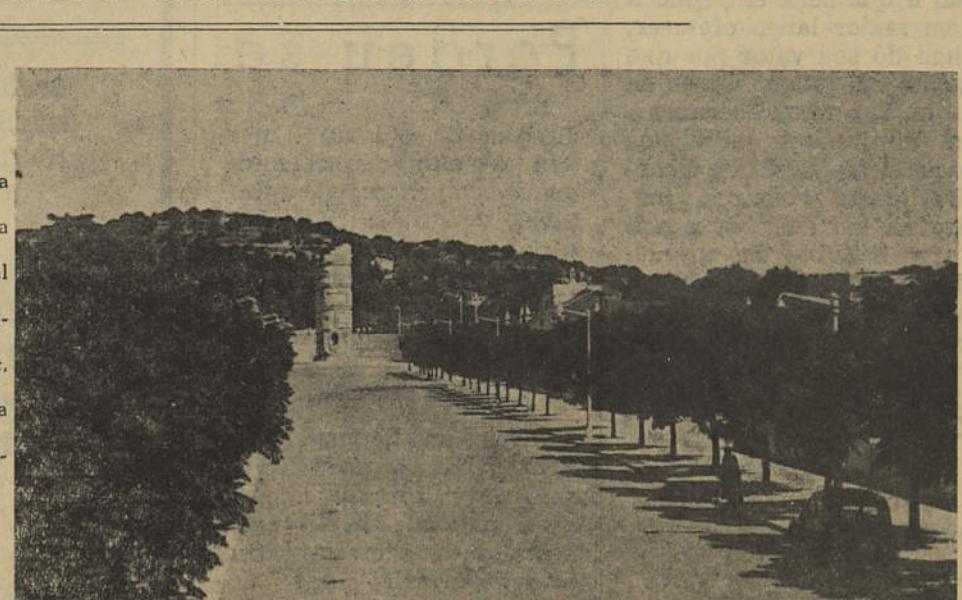
(Continuação na 2.ª página)

Torneio de Tiro aos Pratos

É já no próximo dia 9 de Junho que se realiza no Parque Municipal de Loulé o Torneio de Tiro aos Pratos a favor da Associação de Assistência à Mendicidade.

Esta prova está despertando grande interesse entre os adeptos da modalidade.

Aspectos da nossa terra



Aspecto actual da
bem delineada
Avenida Marechal
Carmona que, la-
mentavelmente,
continua ladeada
sómente de árvo-
res...

Monumento ao Infante

(Continuação da 1.ª página)

Na representação afirma-se depois que «só a realização do Monumento compensaria o esforço e os encargos daqueles que concorrem. A possibilidade de construir uma obra de tão grande vulto, significado e projeção constitui, verdadeiramente, o prémio do Concurso. Apesar do valor material dos prémios pecuniários talvez ninguém tivesse concorrido, pois mal chegará para cobrir as despesas dos premiados».

«Receia-se — dizer-se mais adiante — que a Classe dos Arquitectos receba com apreensão e ceticismo a abertura de novos concursos públicos, o que, pelo menos, contraria o seu natural e profundo desejo de colaborar na valorização do País».

«Dois aspectos de ordem geral têm suscitado, especialmente, sérias reservas. Um deles é da limitação, que se vai tornando habitual, do valor das decisões do juri; seja com a exigência expressa de uma homologação superior, seja com a possibilidade de não ser executado o projecto escolhido para esse efeito».

«Assim, um autêntico segundo juri, de constituição desconhecida e largos poderes é que decide em definitivo sobre os concursos».

«É óbvio que podem surgir causas de verdadeira força maior a impedir a execução dos trabalhos premiados; mas parece justificá-lo que só para esses — se reservem tão drásticas decisões».

Casamento

Dois marinheiros da Marinha de Guerra Portuguesa, com 23 anos de idade desejam corresponder-se, para fins matrimoniais, com meninas de 18 a 22 anos, que sejam da província e tenham alguns meios.

Assunto sério. Pede-se foto, que será devolvida caso não interesse. Resposta a A. P. Jacinto — N. R. P. «Pico» — Lisboa.

Documentos PERDERAM-SE

Gratifica-se quem entregar 1 livrete de veículo de tração animal, 1 cartão de uma muar, outro de bicicleta e 1 bilhete de identidade em nome de José de Sousa Gomes — Fonte de Boliqueime.

«A Voz de Loulé» — Loulé N.º 118 — 19.5.57

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 12 do próximo mês de Junho, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial da comarca de Loulé, nos autos de execução sumária que José Viegas Murta move contra Artur dos Santos, se há-de proceder à arrematação, em primeira praça, do seguinte imóvel penhorado ao executado e que será entregue a quem maior lance oferecer, acima do seu valor por que é posto em praça: Casas de habitação e terra de semear, com árvores, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, desta comarca, inscrita na matriz rústica sob o art.º 1.768 e na urbana sob o art.º 733 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé a fls. 174 v.º do livro B 79, sob o n.º 31.272. Vai à praça por 4.036\$00.

Loulé, 10 de Maio de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio A. da Veiga

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito

a) Marino Barbosa Vicente

Júnior

Batalhas de Flores

(Continuação da 1.ª página)

e a elas vem associar-se com a sua presença, a sua admiração e o seu entusiasmo manifesto. Os elogios irrompem de todas as bocas e de todos os visitantes.

Portanto, a crítica, digamos a auto-critica, é necessária e conveniente, tem lugar bem vinculado e preciso, porque há que se tomar altura, saber o que se deseja e para onde se caminha, em suma, adquirir uma auto-consciência e não deixar ao acaso ou a improvisação o que carece de ser maduramente pensado, estudado e resolvido.

A Batalha de Flores é um cartaz importante para Loulé e mesmo para a nossa província, pode e deve ser uma importante fonte de receita para o nosso Hospital e ainda um possível motivo de rendimento para a localidade e seu concelho.

Estas festas que inicialmente tiveram apenas uma projeção quase sólamente local, e de inicio se limitaram a apurar umas escassas centenas de escudos para fins benéficos, por distribuição directa aos pobres como então era de uso, passaram mais tarde a ganhar fama e glória, ultrapassando o ambição dos muros, para chamar a Loulé milhares de forasteiros, sendo a sua receita destinada a objectivos mais vastos, receitas para o Hospital, auxílio aos Bombeiros, novamente auxílio ao Hospital, sempre com fins humanitários, previdentes ou benemerentes, mas cada vez com maior projeção e amplitude.

Tornaram-se mesmo um número quase obrigatório na época carnavalesca de cada ano.

Todavia... Todavia, nem só de ilusões vive o homem. É preciso ponderar o que se pretende, o que se pode fazer, para onde se caminha e quais as possibilidades reais, palpáveis, tangíveis.

É o que pretendemos desenvolver em futuros artigos, expondo o que nos parece razoável a tal respeito.

Acetamos e pomos em prática a ideia lançada pela destacada personalidade que a teve e exteriorizou. Esperamos que ela seja aproveitada por todos quantos se interessam pela vila e seu progresso e venham assim a terreno desenvolver os seus pensamentos sobre tal assunto, de modo a que se consiga algo de útil e aproveitável.

Um louletano

Fundada em 1924...

A Casa de Pasto MARUFO, situada no Mercado de Loulé, tem já uma longa tradição de Servir Bem.

Refeições saborosas e bem cozinhadas com géneros de 1.ª qualidade; o máximo asseio e higiene; a melhor atenção para com os clientes e os preços moderados tornam a Casa de Pasto MARUFO preferida pelas pessoas que apreciam uma boa refeição num ambiente familiar.

Também serve refeições ao domicílio.

Perdeu-se

Entre o Largo da Matriz e a Rua de Portugal, perdeu-se o cabo de uma sombrinha americana, desmontável, de grande valor estimativo.

Gratifica-se bem a quem o entregar nesta redacção.

Casamento

Rapaz de 25 anos, com bens e habilitações literárias deseja corresponder-se com menina de 18 a 25 anos de idade, para fins matrimoniais.

Enviar foto para Aníbal da Costa Monteiro — Vale Silves — Boliqueime.

Este é dos felizes!

Comprou uma Moto-Bomba

«RIMAC»

por ser a única marca que em Portugal se vende com seguintes características:

Motor americano «Clinton» a 4 tempos . 2 H.P. Bomba de ferro automática 1 1/2" Aspiração e elevação total metros 17,5 Tiragem de 18.000 litros de água por hora, com o consumo apenas de 1/2 litro de combustível (petróleo ou gasolina)

Não é de alumínio, dura uma vida, tira água quando é preciso e... custa só Esc. 3.000\$00

Para esclarecimentos consulte:

José G. de Sousa Oliveira

L O U L É

Em exposição no:

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

Telefone 277



A política das Cantinas Escolares

(Continuação da 1.ª página)

Para isso, em primeiro lugar, é preciso levar em linha de conta o interesse que os pais tenham em mandar os filhos a aprender a ler, escrever e contar.

Se que esse interesse existe, serão pouco menos de vãos quantos esforços se empreguem para instruir o povo.

Se é manifesta a pobreza em que vivem, se mal angariam o necessário para não passarem fome, para se cobrirem de farapos, para viverem em promiscuidade, escondidas em refúgios incríveis, como podem alimentar os filhos em idade escolar e compeli-los a receber o alimento espiritual que a Escola lhes fornece?

Impossível!!! Com o estômago vazio, toda a cultura espiritual, por mais rudimentar, é absolutamente utópica.

A fome deprime. Suprime toda a vontade de aprender. Uma criança coberta de farapos e descalça não pode frequentar uma escola de boa mente. É axiomático.

Qualquer criança ainda que bem vestida, não pode percorrer meia dúzia de quilómetros à chuva, ao frio, sobre a neve ou debaixo dos raios ardentes do Sol para ir receber as lições do Mestre.

A essa, pode a Cantina não ter que lhe dar alimentos e agasalhos. Mas tem, como a todas as outras em igualdade de circunstâncias, de fornecer transportes.

Faz-se assim em todos os países «que não querem ter analfabetos». E tem de se fazer também em Portugal.

A Política de Assistência Escolar, feita através das Cantinas, a única que pode arrastar para a escola primária as crianças que a lei para lá manda.

Tenhamos em vista as Cantinas que ultimamente têm sido criadas, quer pelo Estado, quer pela iniciativa particular.

Almas de Bem, num sentido de compreensão, em atitudes de verdadeiro altruísmo, vão construindo e mantendo Cantinas com importantes donativos, o que prova o desejo de contribuir para que aos entes pequeninos, filhos de pais pobres, que frequentam as escolas possam, ter o seu caldinho quente nos dias de rígida invernia e uns sapatos para cobrirem as longas distâncias até chegarem às escolas.

Não se diga que a gente portuguesa, de espírito generoso e esmoler não acorre a socorrer essas magníficas organizações escolares com generosas dádivas que vão desde as centenas de contos milhares mesmo, para a sua criação e manutenção.

Fundar escolas, criar postos de ensino e de assistência, não esqueçam que o problema, assim, toma maior acuidade, tornando premente a necessidade de abrir outras escolas para substituir a que já foi fechada e a outra que, pelas mesmas razões, também não devia demorar muito a sê-lo.

Motociclismo

III Rali a Alenquer

Iniciando a sua actividade desportiva na presente época, o Moto Clube de Lisboa realizou o «III Rali a Alenquer», com participação de 70 motociclistas, na sua maior parte «INICIADOS», tendo-se distinguido muito especialmente, nessa categoria, o nosso prezado conterrâneo Albio Filipe Pinto, com 209 pontos, em «Vitória» de 250 c. c.

Na categoria dos CONSEGURADOS foi vencedor Fernando Rainha Gaia, em Triunfo.

A entrega dos prémios foi feita na sede do Moto Clube, o qual também vai promover, em colaboração com o Automóvel Clube de Portugal, nos dias 8 e 9 de Junho próximo — a realização do já célebre Grande Circuito de Monsanto, onde se defrontarão os maiores ases nacionais e estrangeiros do Motociclismo e do Automobilismo.

MOBILIAR

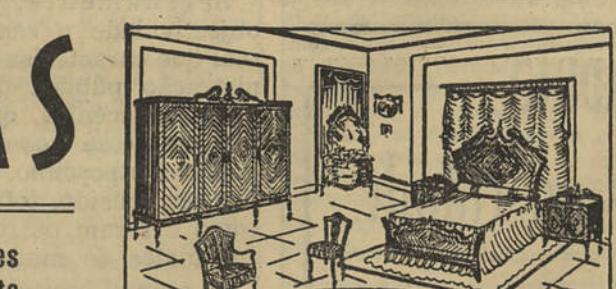
Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapaçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis

Colchões MOLAFLEX



ELEGANTES-SÓLIDOS-ECONOMICOS

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIARAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador

Galeria dos Novos

NAS ARTES E NAS LETRAS

Ouvindo José António de Jesus da Luz (António da Luz)
artista algarvio, da Rádio

Por Luís Sebastião Peres

António da Luz, de seu nome todo: José António de Jesus da Luz, de Faro, sua terra natal, depois de concluir o curso da Escola Comercial e Industrial, na capital algarvia, veio para Lisboa matriculando-se no Instituto Comercial e Industrial, que frequenta.

Estudante muito aplicado e estudosso tirando todos os anos boas notas, classificando-se entre os melhores alunos daquele estabelecimento técnico.

Quando aluno em Faro, fazia parte do belo elenco do Grupo de Amadores «Os Parodiantes de Faro», percorrendo toda a província algarvia. Também, como filiado da M. P., tomou parte activa nos serões culturais, daquela organização, onde logo as suas faculdades artísticas se evidenciaram, de molde a poder vir a encarar a sério, o seu ingresso na Rádio.

Ainda no seu Algarve, actuou como vocalista na Orquestra Império, de Faro.

Uma vez em Lisboa, no firme desejo de conquistar posição de relevo na Rádio, tornou-se aluno da exímia pianista, compositora e professora de canto, D. Geny Telles. Estimulado por esta senhora, António da Luz, inscreve-se num concurso do Lava-Lar, no Rádio Club Português onde, entre 600 concorrentes, obtém o 3.º lugar, classificação bastante honrosa, que muito o distinguiu.

Fazendo progressos no canto, o nosso compatriota vai prestar provas à



Emissora Nacional, ficando APROVADO.

Como elemento integrante da nossa Emissora, faz a sua estreia num Serão para Trabalhadores, no Liceu Camões; começando assim a sua carreira artística sem contudo, deixar de estudar.

Possuidor de excelentes qualidades de canto, temos nós—mercê de uma grande força de vontade e eficiente preparação artística — um novo, um algarvio, que na Rádio, colocando-se ao lado dos melhores, honra a terra que lhe serviu de berço.

No ano findo, quando dos Sarau realizados pela Casa do Algarve, no Coliseu, como elemento do Grupo Folclórico de Faro, ali actuou de maneira exuberante e maravilhosa, nas canções de autoria da sua Prof.ª D. Geny Telles; «Coração Cantor», «Lucinda», no bolero «Nova», «Uma louletana de Olhos Negros», e na canção, «Queria Ser Teu» e no bolero «Sonhei Beijarte». Este o pequeno programa do estudante-cantor.

Oficialmente, a sua estreia na Emissora Nacional fê-la com a canção «Rouxinol dos Meus Amores», que obteve estrondoso êxito, para um principiante, mas já com valores da categoria de artista feito.

O género de canto que ele dá preferência, é o sentimental; pois que o novo tenor canta por uma necessidade espiritual.

Inúmeros são os espectáculos onde tem actuado (na sua maioria de benefícen-

cia) com geral agrado do público.

Depois de terminado o seu curso, pretende retirar-se definitivamente de actuar em público; apenas poderá vir a ouvir-se em récitas de fins benéficos».

Eis a traços largos as notícias biográficas dum novo artista - estudante algarvio, que é já, hoje, um valor na Rádio, com um público já seu, onde se contam algumas gentis admiradoras, e de Olhos Negros...

Certamente, o nosso António da Luz, embora seja seu propósito deixar a carreira que, com tanto brilho, tem defendido, leva-nos a crer, que «outros ventos mais altos se levantarão...» acabando por continuar a deliciar-nos com a sua magnífica voz, a que já nos habituamos.

O Brasil, a Argentina, os países latinos... enfim, todo um futuro risonho para o jovem cantor José António de Jesus da Luz, que ele próprio, estamos disso certos, sonha de há muito e que não deixará de tentar...

E que o seja para Honra da província que o viu nascer!

Lisboa/Abril/957

Luís S. Peres



Não se interogue

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiar aos Gráfica Louletana - Loulé Máquinas modernas Tipos novos e elegantes Meticulosa execução

CASA

VENDE-SE um prédio com 6 divisões e varanda. Armazém ao lado, com cavalaria, na Rua da Piedade.

Tratar com António ou Manuel Martins Laginha - Loulé.

Produtos destinados à higiene e à profilaxia

Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTÂNCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia

Mas em todo o caso ela disse: «Quando alguém quer ser prestativo, tem que se contentar com uma compensação razoável, e por agora não há nenhuma criança por baptizar em nenhuma casa, nem dentro de um mês a haverá, e é exactamente neste prazo que as faias têm que ser transportadas e plantadas». Então o homem de baricha ruiva, sarcamente, interrompeu: «Mas eu não quero a criança adiantadamente. Basta que me prometam entregar-me imbatidada a primeira que nasça, e já me dou por satisfeito». Isto desagradou à mulher. Sabia perfeitamente que tão cedo não haveria criança alguma na terra dos cavaleiros. Ora, se acaso o caçador mantivesse o prometido e as faias fossem plantadas, não seria preciso dar-lhe absolutamente nada, nem a criança, nem coisa alguma. Bastava mandar rezar umas missas para o que desse e viesse, e tudo se riria do mafarrico, pensava Cristina. Já agradecida do fundo do coração aquela oferta e, tentando levar a água ao seu moinho, disse manhosamente que era um caso para ponderar e que lhe falar aos homens. «Bem», concordou o caçador. «Não há mais que falar nem que pensar a tal respeito. Por hoje já vos disse o que quer e agora exijo uma decisão. Tenho ainda que pregar noutras freguesias e não é só por vossa causa que aqui estou. Ou sim ou sopas; depois já não quero saber mais deste negócio». Cristina quis torcer a questão, pois não gostava muito de tomar sóbre si tamanha responsabilidade, inclusivamente até usou palavras meigas tão impróprias do seu espírito rebelde, mas o caçador não estava disposto nem vacilava.

«Agora ou nunca! E tão depressa o contrato se feche sóbre uma só criança, como em cada noite aparecerão tantas faias sóbre Barhegen quantas puzerem à meia noite em Kilchstalden; estou disposto a recebê-las nesse sítio. Não hesites mulheres», exclamava a convencida, tamborilando com os dedos carinhosamente sóbre a face de Cristina.

Também seu coração tamborilou, e preferiu empurrar os homens para dentro dele, para os puder culpar. Mas o tempo urgia e não havia nenhum homem para bode explatório e, com estava convencida que era mais fina do que o caçador e que havia de se dar uma circunstância qualquer para o deixar do nariz à banda, ia astuciosamente sacudindo a casaca: Por ela, não havia dúvida, mas os homens poderiam não concordar. Por esse lado não poderia garantir nada; portanto seria bom ter em atenção de que não era culpada. «Mas eu já me satisfaço com a promessa de que farás tudo o que puderem», disse o caçador, pondo-a entre a espada e a parede.

Agora é que a mulher tão destemida, tremia... tremia numa convulsão violenta. Devia ter chegado o momento arrepiante em que ti-

*A Voz de Loulé—Loulé
N.º 118—19-5-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e, nos autos de Acção de Divórcio Litigioso, em que são Autora: Maria da Piedade, também conhecida por Maria da Piedade Neves ou simplesmente Maria das Neves, doméstica, residente no sítio das Hortas, freguesia e comarca de Vila Real de Santo António, correu editos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, virem à dita execução decretar os seus direitos.

Loulé, 1 de Maio de 1957.
O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,
a) Marino Barbosa Vicente Júnior

BOLOS DE AMÊNDOA

A «Voz de Loulé»—Loulé
N.º 118—19-5-1957



Cantinho das Leitoras
CONSELHOS AS MAES...

Não esqueça que os seus filhos estarão mais «agarrados» a si se os souber «escutar». Trata-se de uma verdadeira arte que devia ser natural em toda a mulher sensível e delicada.

Não deixe que a chama do seu lar, desça, de maneira que, a mais leve rajada a apague. Levante-a tão alta, quando puder, pois na lareira do seu lar, aquece-se na vida dos seus, a sua própria vida...

Alimente-a com as achas da sua ternura e persistência para que possa estender sobre ela, as suas mãos delicadas onde embala a vida dos seus filhos e repousa a felicidade do seu lar.

PARA SORRIR

Uma senhora recomenda à criada: «Maria lave bem as nabinas, não levem elas terra para a panela, como acontecia com a criada que saiu. — Ora essa, é por isso que a senhora diz que tem peso no estômago.

A MULHER... NO CONCEITO DE ALGUNS ESCRITORES CELEBRES

— A mulher contém o problema social e o mistério humano. Parece a extrema fraqueza e é a grande força. O homem que ampara um povo, precisa de se amparar a uma mulher. E no dia em que ela nos falte, faltaremos tudo—Victor Hugo.

— Tirai do Mundo a mulher e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas. Realidade ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da actividade inferior: é a causa e o fim, e o resumo de todos os humanos afectos. — Alexandre Herculano.

— A verdade é que à mulher devemos o mais intenso encanto moral da existência; é que o coração da mulher é para nós, inalteravelmente, do berço ao túmulo, o único amparo sólido e santo, a mais liberalizadora, a mais adorável fonte de luz, de amor, de felicidade.—Abel Botelho.

Maria da Graça

Leia... e acredite, que é verdade

A compra de um automóvel ou de uma furgoneta com pouco uso e de confiança constitui um bom emprego de capital, proporcionando, por pouco dinheiro, bons passeios e bons negócios.

Mesmo em Loulé pode escolher o que mais lhe convenha e nas melhores condições de preço e de mecânica, dirigindo-se a

Manuel Rodrigues Martins (ANICA)

que dispõe sempre de grande variedade de carros em óptimo estado, tendo, actualmente, entre outros:



Fiat gasoil 1400, impecável, série 20;
Standard 8 c. v., série 13;
Anglia (barato), série 13;
Furgoneta Bedford caixa fechada;
Furgoneta Commer, caixa aberta, série 18.

Não hesite — aproveite esta oportunidade de fazer um bom negócio

Ver na Garagem Avenida — Telef. 135 — LOULÉ

N.º 14

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

N.º 14

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

nhada selar o seu pacto com o sangue do seu próprio sangue. Mas o caçador tornou a coisa muito simples, e sorriente: «Eu nunca exigir a assinatura de mulheres bonitas; satisfago-me com um beijo», e os seus lábios espremeram-se sobre o rosto de Cristina e Cristina ficou paralisada, estava outra vez como que pregada ao solo e os olhos espalhados; e assim que aquela boca aguçada tocou a sua face, foi como se um estilete de ferro ao rubro lhe formigasse pelas pernas, pelo corpo e pela alma, e um raio amarelo passou por entre eles e mostrou à manhosha mulher, a cara do caçador distorcida em esgares diabólicos, ao mesmo tempo que um trovão ribombou por cima, como o céu se estivesse a despedaçar.

O caçador desapareceu e Cristina ficou como petrificada, como se os seus pés estivessem muito fundo pelo chão dentro, naquele momento horrível. Por fim conseguiu dominar novamente os membros, mas nos ouvidos sentia um zumbido, como se uma ribeira fortíssima estivesse rolando as suas águas de cima de penhascos altos como torres, para dentro de um servedoiro abismico. Assim como quando trovão não ouvimos o som da água, assim Cristina não tinha consciência dos próprios pensamentos, devido aos bramidos que ribombavam no seu peito. Involuntariamente, correu na direcção do monte e cada vez sentia mais calor, mais ardência na face, no sítio onde a boca ulabólica tinha tocado; esfregou, lavou, mas a labareda não abatia.

Estava uma noite agreste. Nas alturas e nas funduras havia um gemido e um bramido, como se os espíritos nocturnos estivessem festejando a sua noite de núpcias nas nuvens negras, e os ventos os acompanhavam com selváticas danças de roda, sendo os raios as tochas iluminantes e o trovão a bênção do casamento. Nesta quadra do anôno havia memória duma noite destas.

No vale escuro da montanha havia rebolico à volta duma casa, e muita gente se acotovelava à sua roda. A trovoada impele sempre o lavrador para junto do próprio lume ou para debaixo do próprio telhado, de olho bem aberto, pois o lavrador tem a convicção de que a trovoada que está no céu respeita e protege os lares. Mas agora a necessidade comum é maior que o medo da trovoada. Este medo reuniu-os nesta casa, pela qual tinham que passar aqueles que a tempestade repeliu de Münneberg e aqueles que tinham fugido de Bárhegen. Esquecendo aquela noite medonha tempestuosa que agravara a sua miséria, só gemiam a clamarem contra a sua pouca sorte.—Por cima de tudo vinha mais esta revolução da Natureza! Os cavalos e os bois, espavoridos, atiravam os carros por sobre os penhascos e muitos gemiam agonizantes sobre fundões.

No seio da desgraça acolhiam-se também, sem pinga de sangue, os que tinham visto o homem da pluma balouçante e contavam num estúpido terror a segunda aparição. Aquela gente ouvia terrorificada o que lhe contavam os homens que tinham visto Satanaz, e tudo acorria do escuro vasto da sala para junto da fogueira, à volta da qual se sentavam os desgraçados duplamente infelizes; e quando o vento ululava pelas asnas ou o trovão rolava sobre a casa, a malta medroso gritava alto e dizia que o homem negro estava a atravessar o telhado para se lhes mostrar. Mas quando que já não vinha, e quando o medo se foi atenuando, então a sua velha miséria voltou a ser lembrada, e a mágoa dos padecentes tornou-se mais sonora; então foram subindo pouco a pouco pensamentos que tanto contribuem para a perdição da alma, quando ela está em necessidade. E cada um começou a fazer as contas de quanto mais valiam eles do que uma só criança por baptizar, esquecendo-se progressivamente de que o pecado pesa mil vezes mais numa alma do que a salvação de milhares e milhares de vidas humanas.

Estes pensamentos ganharam pouco a pouco som e começaram a misturar-se subrepticiamente com palavras razoáveis nos gemidos dolorosos dos padecentes. Já se perguntava mais de perto pelo caçador, queixavam-se de não ter chegado melhor à fala com ele; não se tivessem acobardado tanto, talvez menos mal ele lhes fizesse. Quem sabe quanto seriam úteis ao vale, se tivessem tido a verdadeira coragem. E cada um apresentava as suas desculpas. Não diziam que é perigoso lidar com o diabo, que lhe der um pé ele imediatamente tomará as duas mãos, e quem lhe der um ouvido de atenção tem em breve de lhe dar a cabeça inteira; O que eles falavam era

(CONTINUAR)

TERMINA

no dia 30 do corrente o prazo de inscrição nos Grémios da Lavoura para os produtores de figo que desejem receber gratuitamente tampas para camaras de expurgo, distribuidas pela Junta Nacional dos Frutos em colaboração com os Grémios dos Exportadores de Frutos.

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Maio:

Em 3, o menino Carlos Antônio Mendonça Garcia dos Ramos, residente na India Portuguesa.

Em 17, a menina Maria Helena Simões Ramos, residente em Aveiro.

Em 20, a sr. D. Palmira Rosa da Fonseca e a menina Evalina Maria Coelho, residente em New York.

Em 21, a sr. D. Maria Gurreiro Coelho.

Em 23, a sr. D. Silvia Castanho Lagninha.

Em 24, os meninos Sérgio Manuel de Sousa Rodrigues e Ellísário Francisco Leal Esteves.

Em 26, o menino Luís Filipe Nascimento Caeiro e a menina Branca Luiza Duarte Cavaco.

Em 27, o menino Sebastião Pinto Mendonça Garcia.

Em 28, a menina Maria Teresa Rua Espadinha Galo e os srs. Eng.º - Agrônomo João Nunes Gonçalves Machado e Augusto Duarte.

Em 29, a sr. D. Maria Otilia Vaz de Barros Vasques, a menina Elisa Elio Trindade, e o sr. Florindo Lourenço da Palma, residentes em Boliqueime.

Em 30, o sr. Fernando Maria Domingues Bolotinha.

Em 31, o menino João Manuel Ebleiro Rocheta e o sr. Manuel Portela, residente nos E. U. da América e o sr. José Luís das Dores.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, deslocou-se a Lisboa o nosso prezano amigo e assinante sr. José Rita Júnior, Tesoureiro da Fazenda Pública na nossa vila

— Regressaram do seu passeio por Espanha e Tanger as nossas conterrâneas sr. D. Teresa Pinto e sua sobrinha, sr. D. Maria de Jesus Pinto Garcia.

— Também o sr. Manuel Fernandes Serra, importante comerciante da nossa praça, e sua esposa, viajaram em digressão turística por terras de Espanha e Tanger.

— De visita a suas sobrinhas encontra-se em Lisboa a sr. D. Francisca Dias da Piedade Formosinho, residente nesta vila.

— Transferiu a sua residência para a Venezuela o nosso prezano conterrâneo e assinante sr. Joaquim João Silvestre Guerreiro, que anteriormente estava na Argentina.

PROMOÇÃO

— Por motivo da sua promoção ao posto de Capitão, foi nomeado Comandante do Batalhão de Infantaria e transferido de Vila Mariano Machado para Vila Gouveia (também em Moçambique), o nosso prezano amigo e assinante sr. Norberto Amílcar Luís dos Ramos, filho do nosso estimado amigo sr. José Luís dos Ramos, hábil industrial nesta vila.

Os nossos parabéns.

GENTE NOVA

— Num quarto particular do Hospital de Loulé, teve a sua felicidade «délivrance» no dia 7, dando à luz um robusto menino, a sr. D. Dina Maria Rocha Carapeto Ramires Ramos, esposa do abastado proprietário em Ervilhão e nosso prezano assinante sr. Joaquim Vilhena Ramires Ramos e filha dos nossos prezados conterrâneos sr. Adriano dos Santos Carapeto e sua esposa sr. D. Maria Rocha Carapeto.

Aos felizes pais e avós os nossos parabéns com votos de longa vida para o pimpolho.

— Lá longe na Venezuela, o dia 28 de Abril foi assassinado no lar do nosso prezano conterrâneo e assinante sr. José de Souza Nunes por um feliz acontecimento, pois sua esposa, a sr. D. Capitolina Gonçalves Caligo, teve o seu bom sucesso, dando à luz um robusto menino, que por certo muito lhes amenizará as saudades da terra natal.

Os nossos parabéns aos felizes pais.

Nossos assinantes

Ultimamente, e com desnada frequência, temos recebido queixas de assinantes que não recebem «A Voz de Loulé» com normalidade.

Assim, fim de averiguarmos as causas e remediar com a urgência necessária esses aborrecidos contornos, dos quais entretanto pedimos muitas desculpas, solicitamos aos nossos prezados assinantes nessas condições a fineza de nos escreverem imediatamente logo que notem qualquer atraso na recepção do jornal, o que antecipadamente agradecemos.

D. SOFIA PACHECO DE MAGALHÃES E SILVA

Vitimada por doença que tornou baldados os mais porfiados esforços dos distintos médicos que com a maior dedicação lhe assistiram, faleceu no preterito dia 14, a sr. D. Sofia do Carmo Pacheco de Magalhães e Silva, viúva do sr. Dr. Joaquim Cândido do Pereira de Magalhães e Silva e mãe das sr. D. Sofia Pacheco de Magalhães e Silva Cabral e D. Ivone Pacheco de Magalhães e Silva Pinheiro, casadas respectivamente, com os srs. Drs. Júlio Cabral, meretíssimo Juiz do Tribunal da Polícia, de Lisboa, e Fausto Redondo Pinheiro, digníssimo Conservador do Registo Civil de Faro, com quem há anos residia.

A bondosa senhora, cujos elevados dotes morais lhe grangearam inúmeras simpatias tanto na vizinha cidade de Faro como na nossa vila, contava 72 anos de idade e era natural de Loulé e irmã das sr. D. Clotilde do Carmo Pacheco, D. Fernanda Pacheco Mealha, D. Maria José Pacheco e D. Maria dos Anjos Pacheco, do saudoso Ministro das Obras Públicas Eng. Duarte José Pacheco e os srs. Dr. Humberto José Pacheco, nosso prezano amigo, e Dr. Nuno Pacheco, médico em Algoz, e cuñado da sr. D. Duarte Vila Pacheco e dos srs. José do Sacramento Silva Mealha, médico, de Faro, e Pedro Gomes Marques, de Faro.

À morte da sr. D. Sofia Pacheco de Magalhães e Silva foi entre nós geralmente sentida. Após o falecimento, o corpo foi depositado na igreja da Sé de Faro, onde se rezou Missa de corpo presente, tendo vindo o príntito fúnebre, na passada quarta-feira, para jazigo da família no cemitério de Loulé, com larga concorrência de pessoas de todas as categorias sociais.

A «Voz de Loulé» exprime a toda a família enlutada, sentidos pésames.

BAPTISADO

— No dia 5 de Maio, foi levado à pia baptismal, na Igreja Matriz desta vila, a pequena Ana Cristina, enlevo de seus pais, a sr. D. Maria Ivette Carvalho Rebelo Ramos Mendes e o sr. Idalino Ramos Mendes, nosso prezano amigo.

Paraninfaram o acto a sr. D. Maria das Dores Lagninha Ramos e o sr. António Luís Ramos.

Automotoras LISBOA - ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

Falseia a verdade quem disser o contrário.

A «Casa do Algarve», cem por cento regionalista, ocupa lugar de marcante posição no regionalismo nacional, facto que deve encher de alegria e satisfação todos os algarvios.

Ela é a CASA de todos os que nasceram na linda região Sul do País, estejam eles onde estiverem: no Continente, no Ultramar ou além fronteiras.

O prestígio de que a nossa colectividade desfruta hoje e a força que representa nas barricadas regionalistas da Nação, deve-os, à inquebrantável força de vontade, à tenacidade, ao dinamismo e as generosas dedicações de um punhado de Bons Algarvios que, alheios e indiferentes a canseiras e a sacrifícios — que só um grande desejo de Servir impõe — têm travado insana batalha para alcançarem a situação em que ela se afirmou.

Além dos extenuantes esforços postos ao serviço da Causa, pela sua Comissão de Propaganda e Turismo, Um Homem houve, algarvio cem por cento, que, de uma maneira muito brilhante, comandou a cruzada, recorrendo aos conhecimentos e suas amizades pessoais para, em conjunto com a casa regional, conse-

COLUMBOFILIA

A nossa vila tem últimamente presenciado grande actividade de neste interessante desporto, realizando-se várias largadas por iniciativa da Sociedade Columbófila Louletana cujos resultados damos a seguir, para conhecimento dos nossos leitores.

Etapa de Évora, 157 Kilms.

1.º classificado, Manuel Gonçalves Candeias; 2.º, António das Neves Salgadinho; 3.º, José da Glória Maio.

Etapa de Coruche, 218 Kilms.

1.º classificado, João Barros Madeira; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Manuel Filipe Costa.

Etapa de Abrantes, 259 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Idalaciano Carvalho Carracinha; 3.º, João Viegas Guerreiro Cavaco.

Etapa de Coimbra, 352 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, António das Neves Salgadinho; 3.º, Arthur Soares Casimiro.

Etapa de Vendas Novas, 180 Kilms.

1.º classificado, Manuel Filipe Costa; 2.º, Carlos Pinguinha Encarnação; 3.º, Carlos Pinguinha Encarnação.

Etapa de Santarém, 250 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, João Viegas G. Cavaco; 3.º, Manuel Gonçalves Candeias.

Etapa de Castelo Branco 308 Kilms.

1.º e 2.º classificado, João Viegas Guerreiro, 3.º, Carlos Pinguinha da Encarnação.

Etapa de Loulé, 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Setúbal 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Vendas Novas, 180 Kilms.

1.º classificado, Manuel Filipe Costa; 2.º, Carlos Pinguinha Encarnação; 3.º, Carlos Pinguinha Encarnação.

Etapa de Santarém, 250 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, João Viegas G. Cavaco; 3.º, Manuel Gonçalves Candeias.

Etapa de Castelo Branco 308 Kilms.

1.º e 2.º classificado, João Viegas Guerreiro, 3.º, Carlos Pinguinha da Encarnação.

Etapa de Loulé, 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Setúbal 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Vendas Novas, 180 Kilms.

1.º classificado, Manuel Filipe Costa; 2.º, Carlos Pinguinha Encarnação; 3.º, Carlos Pinguinha Encarnação.

Etapa de Santarém, 250 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, João Viegas G. Cavaco; 3.º, Manuel Gonçalves Candeias.

Etapa de Castelo Branco 308 Kilms.

1.º e 2.º classificado, João Viegas Guerreiro, 3.º, Carlos Pinguinha da Encarnação.

Etapa de Loulé, 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Setúbal 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Vendas Novas, 180 Kilms.

1.º classificado, Manuel Filipe Costa; 2.º, Carlos Pinguinha Encarnação; 3.º, Carlos Pinguinha Encarnação.

Etapa de Santarém, 250 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, João Viegas G. Cavaco; 3.º, Manuel Gonçalves Candeias.

Etapa de Castelo Branco 308 Kilms.

1.º e 2.º classificado, João Viegas Guerreiro, 3.º, Carlos Pinguinha da Encarnação.

Etapa de Loulé, 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Setúbal 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Vendas Novas, 180 Kilms.

1.º classificado, Manuel Filipe Costa; 2.º, Carlos Pinguinha Encarnação; 3.º, Carlos Pinguinha Encarnação.

Etapa de Santarém, 250 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, João Viegas G. Cavaco; 3.º, Manuel Gonçalves Candeias.

Etapa de Castelo Branco 308 Kilms.

1.º e 2.º classificado, João Viegas Guerreiro, 3.º, Carlos Pinguinha da Encarnação.

Etapa de Loulé, 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Setúbal 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares Casimiro.

Etapa de Vendas Novas, 180 Kilms.

1.º classificado, Manuel Filipe Costa; 2.º, Carlos Pinguinha Encarnação; 3.º, Carlos Pinguinha Encarnação.

Etapa de Santarém, 250 Kilms.

1.º classificado, Idalaciano Carvalho Carracinha; 2.º, João Viegas G. Cavaco; 3.º, Manuel Gonçalves Candeias.

Etapa de Castelo Branco 308 Kilms.

1.º e 2.º classificado, João Viegas Guerreiro, 3.º, Carlos Pinguinha da Encarnação.

Etapa de Loulé, 160 Kilms.

1.º classificado, Joaquim André Pires; 2.º, Romão João Martins; 3.º, Artur Soares